



Recebido em  
18-01-2017  
Aprovado em  
26-09-2017

### Como citar este artigo

Almeida ÉB; Figueiredo  
JB; Silva ALB; Pellon  
LHC; Amorim  
WM. [Vestígios da  
historiografia da  
loucura em Barbacena  
no conto “Sorôco,  
sua mãe, sua filha”  
sob a ótica da Nova  
História Cultural].  
Hist enferm Rev  
eletrônica [Internet].  
2017;8(2):84-93.

## Vestígios da historiografia da loucura em Barbacena no conto “Sorôco, sua mãe, sua filha” sob a ótica da Nova História Cultural

*Vestiges of the historiography of madness in Barbacena in the story “Sorôco, his mother, his daughter” from the perspective of the New Cultural History*

*Escribiendo los rastros de la historia de la loucura em Barbacena en lo conto “Sorôco, su madre, su hija” desde la perspectiva de la Nueva Historia Cultural*

Érika Bicalho de Almeida<sup>I</sup>, Julieta Brites Figueiredo<sup>II</sup>, André Luis Brugger e Silva<sup>III</sup>, Luiz Henrique Chad Pellon<sup>IV</sup>, Wellington Mendonça de Amorim<sup>V</sup>

<sup>I</sup> Membro do Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF). Rio de Janeiro – RJ. Brasil. e-mail: ebicalhoenf@hotmail.com.

<sup>II</sup> Doutoranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF) da Escola Alfredo Pinto – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Mestre em Educação Profissional em Saúde pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) – Fiocruz. Membro do Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF). Rio de Janeiro – RJ. Brasil. e-mail: juliabrites@ig.com.br.

<sup>III</sup> Mestrando em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF) da Escola Alfredo Pinto – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro – RJ. Brasil. e-mail:albrugger@hotmail.com.

<sup>IV</sup> Doutor em Ciências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professor Adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Departamento de Enfermagem em Saúde Pública. Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF). Rio de Janeiro, RJ. e-mail: luiz.pellon@unirio.br

<sup>V</sup> Doutor em Enfermagem pela UFRJ. Professor Adjunto do Departamento de Enfermagem em Saúde Pública, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Líder do Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF). Rio de Janeiro – RJ. Brasil. e-mail: amo-rimw@gmail.com.

### RESUMO

**Objetivo:** analisar sob a ótica da Nova História Cultural os vestígios da loucura em Barbacena no conto de João Guimarães Rosa “Sorôco, sua mãe, sua filha”. **Metodologia:** O percurso metodológico contempla o universo da Nova História Cultural, pautado nas representações e apropriações apresentadas neste campo,

pelo historiador Roger Chartier. Destacaram-se três categorias temáticas: As representações da loucura no “trem de doido”; Os vestígios da loucura presentes nos atos da mãe e filha de Sorôco; Convivendo com a loucura sob o olhar de Sorôco. **Resultado/Discussão:** O trem é descrito por Guimarães Rosa como um local inóspito, repleto de marcas da tristeza dos familiares que a cada viagem do trem embarcam seus parentes que não voltarão mais. Ele compara os vagões repletos de grades a uma prisão. O autor se propõe a caracterizar a loucura nos trejeitos, modo de vestir e atos das duas personagens, que como coadjuvantes, compuseram a representação da loucura da época. **Considerações Finais:** Os sentimentos apresentados pelo autor no conto estão presentes na atualidade, a sociedade ainda se indigna com tamanha cantoria e expressão dos ditos “malucos”, “loucos”, “alienados”. Os trens não tem mais celas, mas suas representações, as imagens formadas no imaginário sobre o fato histórico não podem se apagar.

**Palavras-chaves:** Loucura; Trem; Literatura; História

### ABSTRACT

**Objective:** To analyze from the point of view of the New Cultural History the vestiges of the madness in Barbacena in the tale of João Guimarães Rosa “Sorôco, his mother, his daughter”. **Methodology:** The methodological course contemplates the universe of the New Cultural History, based on the representations and appropriations presented in this field, by the historian Roger Chartier. Three thematic categories were highlighted: The representations of madness in the “train of crazy”; The trace elements of madness present in the acts of the two women; Living with madness under Sorôco’s gaze. **Discussion:** The train is described by Guimarães Rosa as an inhospitable place, full of marks of sadness of the relatives that each trip of the train embark their relatives that will not return more. He compares wagons full of bars to a prison. The author proposes to characterize the madness in the gestures, way of dressing and acts of the two personages, who as coadjuvantes, composed the representation of the madness of the time. **Final Thoughts:** The feelings presented by the author in the story are present today, the society is still unworthy with such a singing and expression of the so-called “crazy”, “mad”, “alienated.” The trains have no more cells, but their representations, the images formed in the imaginary about the historical fact can not be extinguished.

**Keywords:** Madness; Train, Literature; History

### RESUMEN

**Objetivo:** Analizar desde la perspectiva de las huellas nueva historia cultural de locura en Barbacena en la historia de João Guimarães Rosa “Soroco, su madre, su hija.” **Metodología:** El enfoque metodológico incluye el universo de la nueva historia cultural, sobre la base de las representaciones y de los créditos que se presentan en este campo, el historiador Roger Chartier. Destacan tres temas: La locura de las representaciones en el “tren loco”; Las huellas de la locura presente en los actos de la madre y la hija Soroco; Vivir con locura bajo la mirada de Soroco. **Resultados / Discusión:** El tren se describe de Guimarães Rosa como un lugar inhóspito, lleno de marcas de tristeza de la familia que cada viaje en tren se embarcan sus parientes que no va a volver. Se comparan los vagones llenos de bares a una prisión. El autor propone caracterizar la locura en los gestos, vestimenta y acciones de los dos personajes, que como adjuntos, componían la representación de la locura del tiempo. **Consideraciones finales:** Los sentimientos presentados por el autor en la historia están presentes hoy en día, la sociedad todavía está indignada con tales canto y la expresión de los llamados “locos”, “loco”, “alienado”. Ya no Trenes células, pero sus representaciones, las imágenes formadas en la imaginación del hecho histórico que no puede ser extinguido.

**Palabras clave:** Loco; Tren; Literatura; Historia

### INTRODUÇÃO

A historiografia da loucura em Barbacena tem início com a inauguração do Hospital Colônia de Barbacena-HCB em 1903. O hospital está localizado na Praça Presidente Eurico Gaspar em Barbacena - a 165 km de Belo Horizonte. É considerado o primeiro hospital psiquiátrico público de Minas

Gerais, e trabalhava na assistência aos “alienados” do estado, onde antes funcionava um Sanatório particular para tratamento de tuberculose<sup>1-3</sup>.

O HCB pertencia nessa época à Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica-FEAP e passou a pertencer a Fundação Hospitalar de Minas Gerais-FHEMIG em 1977. Em 1911, a instituição tornou-se um Hospital Colônia, onde o trabalho na lavoura era considerado a principal forma de terapia oferecida aos internos. Em 1940, doentes mentais, além de acometidos por sífilis, tuberculose, deficiência física e/ou neurológica, e marginalizados em geral, que contribuíram para a saturação da população interna do hospital totalizando cerca 3,5 mil pessoas. Nessa época a média anual de óbitos era de 700 pessoas, a maioria por diarreia. Registros internos do hospital descrevem que por dia morriam cerca de 6 pacientes<sup>3,4</sup>.

Os historiadores se interessam cada vez mais pela representação de identidades coletivas como fruto de movimentos sociais. Os vestígios historiográficos desta identidade são encontrados na literatura, na pintura, no cinema, assim como no imaginário social. Os objetos culturais e as ideologias passam a ser tratados nos estudos históricos por si próprios<sup>5</sup>.

Escritores como João Guimarães Rosa e Machado de Assis anteciparam-se aos historiadores quando, na ficção, imortalizaram fatos que marcaram a sociedade brasileira de uma determinada época<sup>6</sup>. Após escrever e publicar o livro *Sagarana* em 1946, Guimarães Rosa escreve ao pai pedindo que lhe enviasse uma carta relatando histórias que ele havia lhe contado na sua última estada em Cordesburgo. Ele pedia fatos, lembranças e expressões sertanejas para colocar em seu novo livro, que possivelmente tornou-se o conjunto de contos reunidos no livro “Primeiras Estórias”, publicado em 1962. A carta data de 26 de março de 1947<sup>7</sup>. A cidade de Barbacena foi descrita no conto “Sorôco, sua mãe, sua filha” de Guimarães Rosa em “Primeiras Estórias”. A expressão “trem de doido” foi referenciada pelo autor em seu conto, se reportando ao trem que levava as pessoas em busca de tratamento psiquiátrico no HC.

A loucura pode representar uma parte da identidade coletiva quando analisamos o movimento social ocorrido dentro dos hospícios, assim como as mobilizações sociais que ocorreram em torno desses espaços. Logo, pesquisas envolvendo reflexões literárias e historiográficas no campo da loucura, contribuem para o aprofundamento do tema de forma lúdica e contextualizada.

Objetiva-se com o estudo analisar sob a ótica da Nova História Cultural os vestígios da loucura em Barbacena no conto de João Guimarães Rosa “Sorôco, sua mãe, sua filha”.

## MÉTODO

O estudo aborda a loucura dentro dos universos literário e historiográfico, de forma transversal ao processo saúde doença. O percurso metodológico contempla a Nova História Cultural, pautado nas representações e apropriações apresentadas neste campo, pelo historiador Roger Chartier.

A Nova História Cultural discutida por Roger Chartier se declara como uma vertente historiográfica, apoiada por ele nos pilares da Teoria Literária e na Antropologia, e não mais na Sociologia. Fato este que provocou uma ruptura entre a ideia de cultura e os modelos sociológicos e marxistas da terceira geração da *Escola dos Annales*. Para Chartier a cultura se apresenta como uma dimensão do comportamento humano, representando o sentido que o homem atribui a sua realidade, o que pode ser atribuído às suas determinações sociais e econômicas. Para tanto o historiador se utiliza da linguagem como grande representante da realidade humana<sup>8,9</sup>.

Dentro desse olhar interpretativo da História Cultural, Chartier apresenta em seu livro *A História Cultural: entre práticas e representações*, publicado em 1990 que em diferentes lugares e tempo a realidade social é pensada e construída. Assim como, a forma que será lida pela sociedade. O autor incorpora ao objetivo os processos de linguagem dando destaque à leitura<sup>8,10</sup>.

A investigação se dá dentro dessa perspectiva, tendo como fonte a literatura como representação da loucura na cidade de Barbacena em Minas Gerais. A pesquisa se limita investigar no campo da literatura o conto de João Guimarães Rosa “Sorôco, sua mãe, sua filha”, do livro *Primeiras Estórias* lançado em 1962. Contrapomos e dialogamos as fontes os artigos, livros, teses e dissertações que tenham como tema a loucura em Barbacena.

A análise do conto de João Guimarães Rosa se deu através das representações contidas na narrativa. Cabe ressaltar que o conto “Sorôco, sua mãe e sua filha” não é apenas um relato de acontecimentos,

nele a realidade e ficção não têm limites precisos<sup>11</sup>. Neste caso, nos apropriamos das formas como a narrativa literária presente no conto, representa os vestígios da loucura em Barbacena entre os anos 1940 a 1960, período provável em que Guimarães Rosa o redigiu.

Na análise das fontes utilizamos como ferramenta os três passos propostos por Chartier. Dentro da proposta de Chartier, utilizamos do primeiro passo as seguintes ações: delimitar a construção e o sentido da obra; delimitar a representação da obra; contextualizar a obra e identificar as apropriações presentes nas fontes<sup>12</sup>.

Dando sequência a análise, o segundo passo irá: identificar as imagens formadas pelas fontes e descrever a realidade representada pela obra e pelo documento. O terceiro passo determinará uma análise sincrônica da obra, onde se contextualizará historicamente o fato estudado, considerando o seu marco temporal e a simultaneidade dos fatos. Finalizando será realizada uma discussão diacrônica, através da descrição da evolução do fato histórico na atualidade, numa relação passado e presente<sup>12</sup>.

Assim, após aplicarmos as ferramentas de análise propostas, destacaram-se três categorias de análise que tiveram maior representação, sendo elas: As representações da loucura no “trem de doido”; Os vestígios da loucura presentes nos atos da mãe e filha de Sorôco; Convivendo com a loucura sob o olhar de Sorôco. Seguindo a proposta metodológica de Chartier, as três categorias proporcionaram a discussão.

Para os historiadores dedicados à História Social, a literatura estabelece interlocuções sociais de forma atemporal e autônoma, tornando possíveis aproximações entre as narrativas literárias com o passado. Já no campo da Nova História Cultural, o historiador Roger Chartier, utiliza a literatura e suas várias representações sociais da realidade. Para Chartier o objetivo da Nova História Cultural é identificar como em diferentes tempos e espaços, uma determinada realidade social é pensada, é construída e se apresenta através da literatura<sup>8-10,13</sup>.

A sensibilidade dos escritores podem se antecipar à dos historiadores, principalmente na elaboração de narrativas que nos forneçam indícios de fatos e acontecimentos que a história oficial ocultou. Portanto, verificamos que tanto a história quanto a literatura podem produzir interpretações da realidade, mas dificilmente são capazes de retrata-las de forma literal.

A escrita do conto tem nuances que cabem ser descritas. Este gênero literário se enquadra no modelo narrativo de contar de forma rápida e concisa uma história, onde cada ponto e cada vírgula tem um significado. Seu enredo e seus poucos personagens são cheios de mistérios<sup>14</sup>.

## RESULTADO/DISCUSSÃO

No Brasil, o conto surge na primeira metade do século XIX, com o jornal semanal *O Chronista*, que publicou novelas e contos principalmente estrangeiros por 3 anos<sup>15</sup>. Entre os estudiosos da literatura brasileira existem muitas controvérsias sobre o primeiro conto brasileiro, para uma corrente o primeiro conto brasileiro foi “As duas órfãs”, publicado em 1841 por Joaquim Norberto de Sousa e Silva, já para outra corrente “Noite na taverna” de Álvares de Azevedo, foi o primeiro conto brasileiro.

O conto constituiu uma marca literária na obra de Guimarães Rosa. Nascido em 27 de junho de 1908, na cidade de Cordisburgo no estado de Minas Gerais, filho do casal Floduardo Pinto Rosa e Francisca Guimarães Rosa, em 1925 matriculou-se na Faculdade de Medicina, o que não atrapalhou sua estreia na literatura em 1929 quando escreveu quatro contos. Formou-se em 1930, indo para o interior de Minas Gerais, trabalhar como médico. Em 1933 instala-se em Barbacena como médico oficial do IX Batalhão da Infantaria, iniciando seu enlace com o estigma da loucura na cidade. Mas, Guimarães Rosa pouco ficou na cidade, logo foi para o Ministério do Exterior, abandona a medicina, viajando para vários países como embaixador<sup>7</sup>.

Cabe ressaltar que, em pesquisas documentais no Museu da Loucura, que a história do Hospital Colônia de Barbacena-HCB, cenário retratado no conto de Guimarães Rosa, se divide em três períodos: “o primeiro tido como o do bom funcionamento da instituição que vai de 1903 encerrando-se em 1934. De 1934 até 1979 seria o período de crise institucional. O terceiro e último seria de 1979 em diante, com o processo de reestruturação”<sup>2</sup>. Em 1933 a cidade de Barbacena abrigava em seu hospício cerca de 1.200 pacientes, situação que Guimarães Rosa possivelmente presenciou durante o período que morou na cidade<sup>16</sup>.

Em 1956 o escritor se firma no mundo da literatura com o livro *Grande Sertões: Veredas*. Em 1962 reúne vinte e um contos no livro *Primeiras Estórias*, entre eles está o objeto desse estudo, o

conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”. Em 1967 entra para a Academia Brasileira de Letras, falecendo no Rio de Janeiro em novembro do mesmo ano<sup>7</sup>.

Segundo Vilma Guimarães Rosa, filha mais velha do autor, que escreveu a biografia do pai intitulada *Relembrações*, Guimarães Rosa morou em Barbacena entre os anos de 1933 e 1934, quando serviu como capitão médico no 9º Batalhão de Infantaria da cidade. Ela relata que estes foram anos de muitas escritas, em que o pai fez muitos amigos e selecionava seus personagens entre as pessoas que conhecia<sup>7</sup>.

No último ano em que esteve em Barbacena, Guimarães Rosa deixa a carreira militar para assumir o cargo de diplomata, sendo enviado para o consulado do Brasil em Hamburgo na Alemanha. Voltara ao Brasil somente em 1942 quando um acordo entre os dois países em guerra trocavam diplomatas. Nos relatos da filha, o autor e então diplomata viveu os horrores da guerra e dos perseguidos, mas não deixou de escrever. Os *Contos*, livro escrito por ele, foi lançado neste período. A obra foi premiada com o segundo lugar do Prêmio Humberto de Campos da Livraria José Olympio Editora<sup>17</sup>.

Não é possível precisar quando Guimarães Rosa escreveu os contos contidos no livro *Primeiras Estórias*. As biografias, principalmente a de sua filha, relatam que o escritor ao longo de sua vida, reunia personagens por onde passava e que seu pai, o Sr. Floduardo Pinto Rosa, era um dos seus grandes fornecedores de personagens e “causos”, que são determinados pelo povo mineiro como histórias do sertanejo, do interiorano.

Um dos primeiros e mais famosos exemplos da loucura retratada através da literatura, versa no livro de Sebastião Brant chamado: *A nau dos loucos*, publicado na Alemanha em 1494. O livro foi um sucesso com três reimpressões só no primeiro ano, sendo publicado em vários idiomas até o Século XVII. Brant apresentou no livro a loucura da sociedade retratada no cotidiano do cidadão. O sucesso do livro se deu, porque o leitor se identificava com as descrições da loucura feitas por Brant em cada capítulo. O livro foi ilustrado pelo jovem Dürer, seus desenhos mostravam a loucura da sociedade descrita nos textos, o que ajudava o leitor a se identificar<sup>18</sup>. No Brasil, de forma mais contemporânea, a obra de João Guimarães Rosa, o conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, é um exemplo do quanto à literatura se debruça sobre fatos e ideias que não foram contemplados de forma objetiva pela história oficial.

A cidade de Barbacena é comumente conhecida entre as décadas de 1930 a 1960 como Terra de Bias e dos Andradas e *Cidade das Rosas*. Essas denominações perpassam pelo apoderamento político das duas famílias, os Bias Fortes e os Andradas, que dominam ainda hoje o cenário político região. O nome *Cidade das Rosas* se deu através das cooperativas de floricultores, que no período citado, renderam ao município empregabilidade e renda, além de destaque no cenário nacional como grande produtora de rosas.

Porém, o município teve essa lógica subvertida pela representação de *Cidade dos Loucos*<sup>4</sup>. A cidade de Barbacena se apropriou do nome, que permanece até hoje, devido os inúmeros hospitais de alienados presentes na cidade, que no marco temporal do estudo, era em número de 11 clínicas privadas, além do Hospital Colônia de Barbacena-HCB e o Manicômio Judiciário Jorge Vaz. Faz-se necessário destacar, que só o HCB chegou a ter cerca de 5.225 pacientes no ano de 1960.

Chartier aponta para realidades sociais, que em momentos e contextos distintos, podem ser apropriadas por uma sociedade, e através da literatura serem representadas. O autor dessa escrita da história, possibilitam com a literatura a reflexão dos fatos históricos sob o olhar do leitor<sup>11,12</sup>.

Na obra de Guimarães Rosa, as representações da loucura foram descritas, principalmente, no conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, publicado em 1962 no livro *Primeiras Estórias*. Na história, Sorôco conduz mãe e filha ao “trem de doido” que as levará ao manicômio, embaladas por uma canção de despedida que conquista os moradores da cidade que deixarão para trás<sup>3</sup>.

Neste contexto, o conto de Guimarães Rosa estabelece interlocuções sociais que permitem historicizar a obra relacionando-a aos fatos descritos no cenário da psiquiatria brasileira e representados em um conto sobre Barbacena. Sua função-autor o inscreve numa posição social de autoridade para enunciar como escritor a representação da experiência vivida como médico na forma de conto oferecido ao mercado de consumo literário. Portanto, mesmo considerando as linguagens e perspectivas diferentes, mas não excludentes, acredita-se que o diálogo entre história e literatura é perfeitamente viável, ainda mais quando se considera a dupla função de autoria projetada na obra de Guimarães Rosa.

Sob o olhar da representação e apropriação descritas pelo historiador Roger Chartier, a análise se dará em três categorias temáticas: a primeira considera os estigmas da loucura e suas representações

no “trem de doidos”; a segunda aborda os vestígios da loucura presentes nos atos e costumes das duas mulheres; e pôr fim a terceira que revela os sentimentos de Sorôco diante da partida e do destino das duas mulheres. Faremos também uma interlocução das representações da realidade presentes no conto e seus significados historiográficos de forma sincrônica e diacrônica.

Diante da dificuldade de interpretação de algumas palavras e expressões da época presentes no conto, nos valem do uso do Léxico de Guimarães Rosa escrito por Nilce Sant’Anna Martins em 2001, que traz a interpretação das palavras usadas pelo escritor em suas publicações. Afim de, clarear a leitura para que possamos nos apropriar dos termos, facilitando a interpretação, colocamos os significados entre parênteses após a palavra.

## 1- AS REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA NO “TREM DE DOIDO”

A *Cidade das Rosas* foi alvo de um “duelo” social, político e econômico a partir da década de 1960, momento em que a loucura passou a determinar em Barbacena apropriações e representações como o “trem de doido”, passando a cidade a adotar o codinome de *Cidade dos Loucos*. Essa nova simbologia que envolveu a cidade prejudicou o comércio das rosas e o turismo que subsidiou a economia local por muito tempo.

O trem é descrito por Guimarães Rosa no conto como um local inóspito, repleto de marcas da tristeza dos familiares, que a cada viagem embarcam seus parentes que não voltarão mais. Ele compara os vagões repletos de grades a uma prisão, como vemos no trecho que se segue:

Aquele carro (trem) parara na linha de resguardo, desde a véspera, tinha vindo com o expresso do Rio, e estava lá, no desvio de dentro na esplanada da estação. Não era um vagão comum de passageiros, de primeira, só que mais vistoso, todo novo. A gente reparando, notava as diferenças. Assim repartido em dois, num dos cômodos as janelas sendo de grades, feito as de cadeia, para os presos... Ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre<sup>19</sup>.

A partir de 1930, a ferrovia e seus trens eram considerados símbolos da modernização, mas serviam também como via de exclusão de todos os que de uma forma ou outra contrariavam os ideais de uma sociedade<sup>20</sup>. Tal abordagem pode ser evidenciada no contexto daquela que ficou conhecida como a “Grande Seca de 1932” quando foram construídos campos de concentração ao longo das ferrovias que conduziam à cidade de Fortaleza, Ceará, a fim de conter os flagelados das regiões afetadas, evitando que alcançassem o centro urbano, expondo suas mazelas que “enfeivam” os espaços de convívio das elites sociais<sup>21</sup>.

Pode-se afirmar que, de maneira análoga, os vagões levavam os loucos para o Hospital Colônia de Barbacena como solução encontrada pelo poder municipal para resolver o “problema dos loucos”, por meio de mecanismos oficiais de segregação do convívio social<sup>20</sup>.

A rotina do embarque para a *Cidade dos Loucos* ocorreu continuamente para as famílias de alienados como mostra o trecho:

As pessoas não queriam poder ficar se entristecendo, conversavam, cada um porfiando (competiam) no falar com sensatez, como sabendo mais do que os outros a prática do acontecer das coisas. Sempre chegava mais povo - o movimento. Aquilo quase no fim da esplanada, do lado do curral de embarque de bois...Parecia coisa de invento de muita distância, sem piedade nenhuma... Para onde ia, no levar as mulheres, era para um lugar chamado Barbacena, longe. Para o pobre, os lugares são mais longe<sup>19</sup>.

Observa-se que as famílias se aglomeravam na estação à espera do trem e que o embarque dos alienados se dava como animais segundo Guimarães Rosa. Os alienados chegavam à Barbacena através da Estação Sanatório, construída em 1870 para atender o hospital de tuberculosos que se instalava na cidade, que depois se tornou em 1903 o HCB<sup>4</sup>. A área de desembarque da estação se localizava na parte administrativa do hospital, dali os pacientes andavam cerca de 3km até chegar nos pavilhões de internação.

Essa caminhada coletiva, porém solitária dos alienados, se dava na madrugada, sempre acompanhada por guardas do hospital ou por policiais. As noites frias de Barbacena escondiam os alienados “mau trapinhos”, de cabeça raspada e descalços. Até 1941 esse acontecimento fez parte das

madrugadas frias da cidade, quando passaram a desembarcar na estação no centro da cidade, o que causou grande descontentamento da população, devido à má impressão que causavam aos turistas que visitavam a cidade em busca das rosas, que por trás do *slogan* de Cidade das Rosas, escondia milhares de pacientes tratados de forma precária<sup>4</sup>.

Somente em meados de 1960, os internos do HCB passaram a não mais incomodar a população barbacenense com seus “gritos”, pois nesse período passaram a chegar a cidade de ônibus, que vinham superlotados de todos os cantos do país<sup>4</sup>.

A indústria da loucura tinha seu maior financiador o estado. Minas Gerais se beneficiou com essa indústria, pois os internos trabalhavam nas plantações presentes na área do hospital, pouco se comprava de suprimentos, e existiam internos que pagavam por sua internação<sup>3,4,20</sup>. Cabia ao estado buscar de trem os alienados nas diversas cidades como mostra o trecho do conto:

Quem pagava tudo era o governo que tinha mandado o carro (o trem). Por forma que, por força disso, agora iam remir (recuperar, tratar...) com as duas, em hospícios...Ai que já estava chegando a horinha do trem, tinham de dar fim aos aprestes (oprimidos), fazer as duas entrar para o carro de janelas enxetadas de grades. Nessa diligência, os que iam com elas, por bem-fazer, na viagem comprida, eram o Nenêgo, despachado e animoso, e o José Abençoado, pessoa de muita cautela, estes serviam para ter mão nelas, em toda juntura (viagem)<sup>19</sup>.

A marca do controle está presente em todo trecho destacado. A ida para o hospital de alienados era custeada pelo estado, assim como a garantia de uma viagem segura e vigiada por “guardas” e pelos vagões protegidos por grades. O conto reforça a ideia do tratamento e recuperação dos alienados, onde o hospício significava a ideia de cura e acalento para as famílias que acreditavam estar fazendo o melhor para seus entes adoentados.

## 2- OS VESTÍGIOS DA LOUCURA PRESENTES NOS ATOS DA MÃE E FILHA DE SORÔCO

Guimarães Rosa se propõem a caracterizar a loucura nos trejeitos, modo de vestir e atos das duas personagens, que como coadjuvantes, compuseram a representação da loucura da época. No recorte a baixo, vemos se apropriar esses significados na descrição da filha de Sorôco:

A filha-a moça-tinha pegado a cantar, levantando os braços, a cantiga não vigorava certa, nem no tom nem no se-dizer das palavras... A moça punha os olhos no alto, que nem os santos e os espantados, vinha enfeitada de disparates, num aspecto de admiração. Assim com panos e papéis, de diversas cores, uma carapuça em cima dos espalhados cabelos, e enfunada em tantas roupas ainda de mais misturas, tiras e faixas, dependuradas virundangas (bugigangas): matéria de maluco. A moça, aí, tornou a cantar, virada para, o povo, o ao ar, a cara dela era um repouso estatelado, não queria dar-se em espetáculo...<sup>19</sup>.

A cantoria, o olhar perdido, os braços em direção as alturas são vestígios da loucura retratados pelo cinema como caracterização dos alienados. Assim, a literatura destaca o que a sociedade configura como diferente, a margem dos costumes e cultura de uma comunidade. Verifica-se que além dos movimentos corporais característicos, o conto aponta as representações da vestimenta, o excesso de panos e cores, “coisas penduradas”, o que Guimarães Rosa chamou de “matéria de maluco”.

Não obstante, o escritor caracteriza a mãe de Sorôco, como vemos no trecho:

A velha só estava de preto, com um fichu (cobertura da cabeça) preto, ela batia com a cabeça, nos docementes. Sem tanto que diferentes, elas se assemelhavam. Todos ficavam de parte, a chusma (multidão) de gente não querendo afirmar as vistas, por causa daqueles trasmodos e despropósitos, de fazer risos, e por conta de Sorôco - para não parecer pouco caso. [...] Isso não tinha cura, elas não iam voltar, nunca mais. De repente, a velha se desapareceu do braço de Sorôco, foi se sentar no degrau da escadinha do carro. - “Ela não faz nada, seo Agente...” [...] - “Ela não acode, quando a gente chama...” [...] ela pegou a cantar, também, tomando o exemplo, a cantiga mesma da outra, que ninguém não entendia. Agora elas cantavam junto... [...] Elas não haviam de dar trabalhos. [...] a gente só escutava era o acorçoo (entusiasmo) do canto, das duas, aquela chirimia (choro, canto triste), que avocava: que era um constado de enormes diversidades desta vida [...] <sup>19</sup>.

O escritor aponta semelhança entre a “velha” e a “moça”, na cantoria, nos trejeitos, transmodos e despropósitos. Porém, ela se auto flagelava ao bater a cabeça, preferia o isolamento, características presentes nas descrições dos alienados. Guimarães Rosa reforça a ideia de que, mesmo diante de tantas atitudes em desconforme com os moldes comportamentais da sociedade, ela não causava mal nenhum.

O recorte deixa claro como a sociedade se sensibiliza com a dor de Sorôco, principalmente pelo fato de entender que a cura é algo distante e que ser diferente causa constrangimento. O cantar, retratado no trecho selecionado, representa uma forma de expressar o sofrimento, de desabafo, de libertação dos sentimentos. Pois o fato de ser desconexo, fora do padrão, não faz a menor diferença para elas, pois na loucura dos sentimentos não há regras, tudo é válido e faz parte do contexto.

### 3- CONVIVENDO COM A LOUCURA SOB O OLHAR DE SORÔCO

No conto, Sorôco leva as duas mulheres, sua mãe e sua filha, para a estação de trem, a fim de embarcá-LAS rumo a um hospital psiquiátrico. É possível identificar na narrativa que ele já não podia mais conviver com a loucura das duas mulheres. Na estação cercado de curiosos, Sorôco aguarda o embarque das duas para nunca mais voltar. No trecho a seguir percebe-se a relação entre Sorôco e as duas mulheres:

A mãe de Sorôco era de idade, com para mais de uns 70. A filha, ele só tinha aquela. Sorôco era viúvo. Afora essas, não se conhecia dele o parente nenhum. [...] Para onde ia, no levar as mulheres, era para um lugar chamado Barbacena, longe. Para o pobre, os lugares são mais longe<sup>19</sup>.

Guimarães Rosa aponta que Sorôco era o responsável pelas duas mulheres e que com a ida das duas para o hospício ele ficaria sozinho. O conto marca a impotência de Sorôco diante da loucura das duas mulheres o que culminou a separação.

Sorôco estava dando o braço a elas, uma de cada lado.[...]Era uma tristeza. Parecia enterro.[...] E estava reportado e atalhado, humilde. Todos diziam a ele seus respeitos, de dó...<sup>19</sup>.

Mãe e filha partem para não voltar mais, deixando desta forma como “o filho-pai desprovido, para sempre sem família”<sup>19</sup>. O referido conto registra um momento muito curto de uma história longa que se repetiu durante anos nas estações de Minas Gerais e de muitos estados brasileiros, onde famílias inteiras eram encaminhadas de trem ao hospício de Barbacena<sup>22</sup>. Assim se deu a partida.

[...] O trem chegando, a máquina manobrando sozinha para vir pegar o carro. O trem apitou, e passou, se foi, o de sempre. Sorôco não esperou tudo se sumir. Nem olhou. Só ficou de chapéu na mão, mais de barba quadrada, surdo - o que nele mais espantava. Ele se sacudiu, de um jeito arrebatado, de acontecido, e virou, pra ir-s'embora<sup>19</sup>.

A dor de Sorôco muda, “a separação e seus efeitos imediatos sobre ele e sobre a pequena comunidade sertaneja, que lhe é solidária, a acompanhar, como uma espécie de coro trágico, o momento em que o destino do personagem se modificará de maneira definitiva”<sup>22</sup>.

O envolvimento familiar com a loucura e a certeza de que a ida para o hospício de Barbacena era o fim de tudo, representa ainda a realidade de muitas famílias que entregam seus familiares para a rede assistencial de saúde mental no Brasil. Mesmo após anos da promulgação da lei da desospitalização, a prática da internação de longa permanência desses pacientes ainda ocorre de forma abusiva e se utiliza de formas conservadoras de tratamento, burlando o modelo de socialização do indivíduo preconizado pela Lei 10.216 que foi encaminhada ao Congresso Nacional em 1989, se tornando lei apenas em 2001<sup>23</sup>.

A lei Paulo Delgado, como ficou conhecida a Lei 10.216/01, recebeu o nome do político mineiro que a idealizou. Tal lei deu o pontapé inicial para um processo de reformulação do processo que retornaria com os direitos civis do portador de transtorno mental, além disso determinou três tipos de internação, sendo uma delas determinada pela família mediante laudo médico circunstanciado<sup>23</sup>.

Estava voltando para casa, como se estivesse indo para longe, fora de conta. Mas, parou. Em tanto que se esquisitou, parecia que ia perder o de si, parar de ser.[...]Num rompido - ele começou a cantar,

alteado, forte, mas sozinho para si - e era a cantiga, mesma, de desatino, que as duas tanto tinham cantado. Cantava continuando<sup>19</sup>.

Pode-se pensar que, estaria Sorôco diante de tanto sofrimento com a partida da mãe e da filha, seus únicos familiares, ficado louco também? O trecho do conto recortado e apresentado acima, pode ser um vestígio de loucura que Guimarães Rosa quis dar a Sorôco<sup>24</sup>. Chartier explicaria diferente, ressaltaria que tais representações culturais podem ser incorporadas por uma sociedade, e que Sorôco representa inúmeros familiares que viveram e conviveram com a forma como a loucura era tratada na primeira metade do século XX. Tanto a sociedade quanto as políticas públicas voltadas para a saúde mental neste período, tratavam os ditos “loucos” de forma segregada e por não dizer carcerária.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto de Guimarães Rosa nos apresenta através do olhar da literatura, o retrato da loucura em uma pequena cidade de Minas Gerais, que na época provável da criação da obra, não passava de 50 mil habitantes e tinha como alicerce político e econômico o domínio de duas famílias coronelistas os *Bias Fortes e os Andradas*. Essa realidade fez a *Cidade das Rosas* se tornar a *Cidade dos Loucos*.

O trem se apresenta como símbolo do controle e do exercício do poder sobre os alienados, diante da viagem para um lugar longe, um hospício em Barbacena, local que não se ouve falar em volta. Ninguém nunca voltou de lá, assim aponta Guimarães Rosa diversas vezes no conto, para que se enfatize a realidade. Nesta época, o *Estado* exercia seu papel paternalista e sanitário de retirar das ruas, aquilo que a sociedade e a comunidade científica não conseguiam explicar. Economicamente eles eram viáveis, pois mesmo no ímpeto da loucura, os alienados se “sustentavam”, trabalhavam, davam lucro, geravam empregos nas instituições para alienados, que podiam ser trocados nos colégios eleitorais do sertão de Minas Gerais.

Retratar a loucura de forma sutil, sob os trejeitos e representações apresentadas pelas duas mulheres do conto, nos faz refletir o que hoje vemos de vestígios da loucura no nosso cotidiano, nos espaços públicos, nas internações compulsórias e nos asilos para idosos. Podemos afirmar que no contexto atual, Sorôco não está sozinho em sua jornada, ele é um cidadão da atualidade, mesmo sendo possivelmente escrito por Guimarães Rosa entre as décadas de 1930 a 1960.

Os sentimentos apresentados por ele no conto continuam os mesmos, a sociedade ainda se indigna com tamanha cantoria e expressão dos ditos “malucos”, “loucos”, “alienados”. Os trens não tem mais celas, mas elas ainda estão nas imagens formadas no imaginário sobre o fato histórico, para que elas não se apaguem. De forma a não recuperarmos e vivenciarmos o passado da loucura, como o que ocorreu nos hospícios de Barbacena.

### REFERÊNCIAS

1. Firmino H. Nos porões da loucura: reportagem. 2 ed. Rio de Janeiro: Codecri; 1982.
2. Silva MCB. Repensando os porões da loucura: um estudo sobre o Hospital Colônia de Barbacena. Belo Horizonte: Argvmentvm; 2008.
3. Arbex D. Holocausto Brasileiro. 1ª Ed. São Paulo: Geração Editorial; 2013.
4. Duarte MN. De “Ares e Luzes” a “Inferno Humano”. Concepções e práticas psiquiátricas no Hospital Colônia de Barbacena: 1946-1979. Estudo de Caso (tese). Niterói: Universidade Federal Fluminense; 2009.
5. Cardoso CF, Vainfas R. Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier; 2012.
6. Chalhoub S, Pereira LAM (orgs). A História Contada. Capítulos de História Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1998.
7. Rosa VG. Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1983.
8. Carvalho FAL. O Conceito de Representações Coletivas Segundo Roger Chartier. Diálogos. 2005; 9(1): 143-165.

9. Barros JD. Teoria da História- A Escola dos Annales e a Nova História. Petrópolis: Editora Vozes; 2012.
10. Navarrete E. Roger Chartier e a Literatura. Revista Tempo, Espaço e Linguagem. 2011; 2(3):23-56.
11. Gotlib NB. A Teoria do Conto. São Paulo: Coletivo Sabotagem; 2004.
12. Chartier R. A força das representações: história e ficção. Chapecó: Argos; 2011.
13. Chartier R. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil; 1990.
14. Gama-Khalil MM. A literatura fantástica de Guimarães Rosa antes das primeiras estórias. Rev. Olho d'água. 2012; 4(1): 160-163.
15. Mello AML. Caminhos do conto brasileiro. Ciênc.let. 2003;34(2):9-21.
16. Nogueira Junior A. Joãos Guimarães Rosa. Projeto Releituras; 2013.
17. Moretzsohn J A. História da Psiquiatria Mineira. Belo Horizonte: COOPMED Editora; 1989.
18. Manguel, A. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras; 1997.
19. Rosa J G. Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; 1962.
20. Magro Filho J. A tradição da Loucura. Minas Gerais: 1870-1964. Belo Horizonte: COOPMED; Editora UFMG; 1992.
21. Pellon LHC. As representações eugênicas da assistência na revista Ceará Medico (1930-1935) (tese). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; 2013.
22. César AC, Santos VE. Dionisismo em “Sorôco, sua mãe, sua filha”. Terra Roxa e outras terras- Revista de Estudos Literários. 2003;(03)
23. Brasil, Congresso Nacional Lei 10.216 de 6 de abril de 2001.
24. Franco MDS. A loucura na Literatura: uma reflexão sobre Machado de Assis, Guimarães Rosa e Erasmo de Rotterdam(Mestrado). Juiz de Fora ;2013.